

DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM: relações entre tempo e memória como fios condutores da narrativa

Flávia Alexandra Pereira Pinto (IFMA/UERJ)¹

Resumo: Este artigo propõe a análise do romance *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum. Para tanto, discute-se as relações entre tempo e memória como fios condutores da narrativa, a partir dos conceitos advindos dos estudos culturais, da História e da teoria literária contemporânea. Para tanto, procura-se rever as concepções de memória presentes em Maurice Halbwachs, Michael Pollak, entre outros. Em seguida, relacionam-se esses conceitos à discussão sobre romance e ficção, de forma a tentar compreender essas imbricações na escrita de Milton Hatoum.

Palavras-chave: Tempo; Memória; Romance; Milton Hatoum.

A literatura, por ser uma das mais fortes formas de expressão cultural de um povo, historicamente tem procurado conferir ao homem uma identidade cultural, de forma a acentuar a relação desse homem com o lugar de vivência, situando-o também socialmente. É importante ressaltar que a produção literária contemporânea tem quebrado as tradicionais referências de lugar, espaço, tempo, identidade e da própria memória. Nesse sentido, o filósofo Giorgio Agamben nos alerta que “[...] o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo (AGAMBEN, 2010, p. 64).

A proposta deste artigo é analisar o romance *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, de forma a discutir as relações entre tempo, memória e narrativa, a partir dos conceitos advindos da História e das Ciências Sociais e da crítica literária contemporânea. Para tanto, procura-se rever as concepções de memória presentes em Maurice Halbwachs (2004), Michael Pollak (1992), Jacques Le Goff (1996), entre outros. Acrescenta-se a essa discussão questões pontuais relacionadas à análise das representações da memória na escrita literária de Milton Hatoum, que, com suas histórias nutridas de esquecimentos e lembranças, busca a compreensão de si mesmo e de sua origem, resgatando a ideia de reconstrução do ser humano enquanto corpo e mente enraizados na sua terra.

No romance *Dois Irmãos*, o autor constrói uma narrativa que indaga sobre o tempo e a memória. Na busca da origem e do passado por meio da escrita, Hatoum constrói uma

¹ Doutoranda em Estudos Literários e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Mestra em Cultura e Sociedade pela UFMA. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA. Contato: flavia.pereira@ifma.edu.br



linguagem particular, em que tematiza problemas como a apresentação do passado, a morte, a relação com o outro, a exclusão, o distanciamento e a própria linguagem. A proposta aqui é tentar compreender de que forma, por meio da elaboração e do conteúdo da obra literária, Hatoum problematiza ideias sobre a história e os fenômenos humanos, como a passagem do tempo e a memória. Para além da ideia de que a literatura escrita por Milton Hatoum possa ser facilmente identificada por sua temática relacionada à imigração árabe, ao exotismo de relações híbridas entre o Ocidente e o Oriente, Hatoum oferece um material mais profundo de reflexão sobre estas mesmas questões.

A sua ascendência oriental bem como a linguagem marcada pelo uso de recursos poéticos e pela construção de sentido de cada palavra é relevante, sobretudo, para atualizar o presente em que vive o homem contemporâneo. Pretende-se, como resultado da análise, discutir a iniciativa de reconstrução do passado, marcada na figura do narrador do romance, em que Hatoum coloca em destaque estratégias de ficção, relacionando história, passagem do tempo e memória. Assim, a memória não pode ser entendida apenas como um ato de busca de informações sobre o passado, tendo em vista a sua reconstituição. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização. Além disso, a ficção abre inúmeras possibilidades para que se interrelacionem as categorias teóricas propostas para análise, mostrando o importante papel da literatura na contemporaneidade.

Memória: construção individual e coletiva

O advento da modernidade inseriu o homem num novo contexto, numa nova maneira de se relacionar com a vida e com a arte. Ela trouxe para o campo da Literatura uma nova forma de estruturar a narrativa e de organizar o pensamento. Da mesma forma, e até como consequência desse movimento, a contemporaneidade, por muitos denominada de modernidade tardia, configurou uma nova condição existencial para o homem, estabelecida a partir de novos paradigmas e, sobretudo, pelo rompimento ou repensar dos paradigmas anteriores.

Nesse contexto, o conceito de memória, a forma como ela funciona e seus processos de construção vêm sendo temas recorrentes dos estudos de cientistas sociais contemporâneos. Tal conceito vem se modificando e se adequando às funções, aos usos e à sua importância nas diferentes sociedades, segundo suas próprias demandas sociais e culturais. Em cada época, a memória foi explicada utilizando-se de elaborações



compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam as sociedades de determinado momento histórico.

Maurice Halbwachs (2004) contribuiu definitivamente com as Ciências Sociais ao propor o conceito de *memória coletiva* e ao definir os quadros sociais que compõem esta memória. Para este autor, não existe memória puramente individual, pois todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através de suas diversas posições de sujeito e instituições sociais.

Para Halbwachs (2004), até mesmo a memória aparentemente mais particular remete-se a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que são construídas as lembranças. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos na presença destes, o ato de lembrar e a maneira como percebemos o que nos cerca se constituem a partir dessas experiências.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2004, p.30)

Se a memória pode ser pensada como uma apropriação do passado, então pode ser pensada também como um embate de versões, em alguns pontos convergentes, em tantos outros conflitantes. Cada um elabora a sua versão da história, cujo propósito o deixa mais reconhecido publicamente em termos de valores comuns. As versões do passado, as diferentes abordagens históricas, as memórias coletivas que são acionadas pelos sujeitos sociais são reveladoras de preocupações encontradas no presente e, por vezes, justificam as posições ocupadas por estes sujeitos, e esse jogo se reflete na sua produção literária. A memória coletiva tem, então, uma importante função de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum.

A memória se modifica e se rearticula conforme a posição que ocupamos e as relações que estabelecemos nos diferentes grupos sociais de que participamos. Ela também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros. As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e da própria memória



histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo sujeito e seu grupo. Além disso, é no presente que a construção do passado é disputada como recurso para a construção de identidades que respondam às aspirações desse mesmo presente. (Pollak, 1992).

Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os espaços e lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades e sem território não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços.

Assim, se pensarmos a relação entre memória e história a partir de um conjunto de sujeitos e lugares sociais, com seus processos de interação em permanente construção e desconstrução, e não como uma realidade dada e naturalizada, poderemos perceber o quanto a posição dos sujeitos dentro desse conjunto é importante. “Tal como o passado não é a história mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 2013, p.49).

Existe, também, como aponta M. Pollak (1989), um trabalho constante de “enquadramento da memória”. É preciso escolher o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido. Também Pollak reitera que “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (p.205). Como Halbwachs (2004), Pollak insiste no aspecto de construção da memória como uma estratégia dos sujeitos sociais para ancorar posições de sujeito, pois há, segundo este autor, uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1989, p.204).

É interessante salientar que a memória também é objeto de luta pelo poder disputado entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. Michael Pollak (1989) acentua esse caráter de disputa da memória aplicada à memória coletiva. Sua abordagem se interessa pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

Pollak (1989) destaca, então, a característica de disputa que cerca a concepção de memória, “disputada em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente com conflitos



que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1989, p.205). Lembrar e esquecer são utilizados como estratégias políticas pelos grupos em disputa. Portanto, a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este e não necessariamente pelo passado em si, pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais aos mais diversos níveis associativos.

Halbwachs e Pollak demonstram que o passado deve ser pensado como a fonte para a construção, no presente, de uma memória que aporte posições de sujeito e, também, como instrumento de poder. Segundo Pollak (1992) memórias individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e com a identidade social, e tal como estas, são socialmente construídas e negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertencimento entre seus membros.

Da mesma forma, J. Le Goff (2013) nos proporciona refletir sobre esta questão:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2013, p.435)

Para Ricoeur (2007), são as memórias significativas que sustentam a identidade e, partindo do pressuposto de que memória é um conceito construído individual e coletivamente, pode-se dizer que as posições de sujeito são constituídas a partir de lembranças. É a lembrança que organiza e dá sentido ao presente, e também é em função dela que projetamos o futuro, visualizando possibilidades de acordo com nossas experiências.

Tempo, Memória e Narrativa em *Dois Irmãos*

O emergir da memória é um traço que perpassa o romance *Dois Irmãos* (2000), o segundo dos quatro romances do amazonense Milton Hatoum. O texto expõe questões e auxilia a compreensão do processo de modernização da região amazônica conjuntamente à imigração árabe que se estende do começo do século XX até a década de 60, para a cidade Manaus, o lugar da história. Em *Dois Irmãos*, o narrador é filho de uma índia



violentada por um descendente libanês. Nada mais caracteriza o sujeito narrador do que sua condição de fora da família, o passar do tempo e a instabilidade da cidade flutuante que emergiu entre rios.

O narrador busca a identidade de seu pai entre os homens da casa e entre os restos de outras histórias. Tenta reconstruir o passado, ora como testemunha, ora como quem ouviu e guardou, mudo, as histórias dos outros. Num jogo de inventar memória, tenta transformá-la em ponto de convergência do passado: “ [...] Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e, às vezes, distante. Mas fui observador desse jogo e presenciei muitas artadas, até o lance final”. (HATOUM, 2000, p. 29)

Essa estratégia incluiria a obra de Hatoum entre aquelas que procuram uma “solução” estética, transformando, através da linguagem literária, sujeitos socialmente excluídos, o que o autor faz de maneira sensivelmente distinta. Manaus não é, nesse romance, apenas cenário, mas um espaço sociocultural, que, sem determinismos, faz flutuar, na memória fértil do narrador, a sua chuva, o seu calor, a sua culinária, a sua paisagem e o seu regionalismo. Nesse espaço, sujeitos se movem, num tempo desenfreado, que transforma aspectos da cidade e desestabiliza a vida daqueles que presenciam essas mudanças. A cidade se mistura ao que chega de fora: a comida, o cheiro, a cor, as pessoas. Desprende-se de suas raízes. Torna-se singular e, com a passagem marcante do tempo, tudo parece desmoronar sem deixar rastros, não fossem as lembranças buscadas pelo narrador.

Além desse aspecto, o Amazonas, mais precisamente Manaus, é antes uma marca geográfica e não somente um traço restrito ao aspecto regional. Isso se dá, principalmente, pelo fato de a trama depender, sobretudo, de relações humanas para sua constituição. Esta análise não se concentra apenas nos fatos ou nos momentos históricos presentes na narrativa, mas, também, na forma como os personagens ficcionais de Hatoum viveram e encararam esses fatos históricos, atualizando, na leitura, as possibilidades de construções históricas em busca de uma reflexão sobre o mundo presente.

Dois Irmãos, à medida em que tenta se aprofundar na memória, por muitas vezes acaba por falhar, para sondar as inconclusões do passado, tentando refazê-lo, por meio de um exame minucioso de cada elemento que dele emerge – perfumes e odores, sons e silêncios, luzes e sombras, palavras ditas e caladas, gestos concluídos ou rascunhados e



vozes legitimadoras – segue os passos desse passado que se estendem horizontalmente por muitos anos. Assim, o vertical e o horizontal tecem a trama de tempos, por meio de uma delicada composição linguística que não permite um sentido único e definitivo, visto que trabalha com dois eixos, o que é anunciado e o que se mantém em segredo (PERRONE-MOISÉS, 2006).

Isso porque a memória é constituída e comprometida pela subjetividade daquele que recorda, e pelo momento e espaço nos quais a recordação tem lugar. Algumas características físicas bem como sentidos, imagens, natureza, paisagens, podem interagir com agentes metafísicos, como o tempo e a ausência, para comprometer essa recordação, tornando a memória, como afirma Pollak (1989), dinâmica, fluida e falível, já que a memória está comprometida com os anseios de quem recorda e do que se quer recordar.

Nessa trama, encontra-se também um tempo disfarçado, que se amplia da história característica daquela região para a história brasileira, relacionada à época do processo de modernização do país, que repercutiu na região norte, talvez mais do que em outros lugares, revelando, assim, as marcas da convivência do progresso com o atraso, de avanço e estagnação, de permanência e mudança.

A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe do nosso passado grandioso. (HATOUM, 2000, p. 128)

O tempo no romance constrói o jogo entre a lembrança e o esquecimento, pois, mesmo procurando, através da escrita, a chave da memória que desse acesso ao passado, o tempo presente torna complexa esse retorno. É esse tempo que expõe a distância das lembranças da infância, as ruínas do presente e de algo que fora perdido ou já não parece mais possível de resgatar. Uma memória que não constitui bem o passado, mas que lhe dá traços de existência, que chega até o presente e imprime na linguagem do texto e na fala de seus personagens um tom lento como de lembranças que se perderam com o passar dos anos. Tempos ambivalentes que convivem com a ambivalência dos próprios personagens do mundo construído no romance.

Recortei o rosto de minha mãe e guardei esse pedaço de papel precioso, a única imagem que restou do rosto de Domingas. Posso reconhecer seu riso nas poucas vezes que ela riu, e imaginar seus olhos graúdos,



rasgados e perdidos em algum lugar do passado. (HATOUM, 2000, p. 263)

O próprio Milton Hatoum comenta suas estratégias de composição e suas escolhas para a elaboração das personagens, do enredo e da linguagem da narrativa de seus romances. Antes mesmo de fazer uma reflexão sobre as construções em torno da memória, do tempo e das personagens como elementos de seu texto, ele sugere alguns acontecimentos de sua experiência e as memórias deles decorrentes, que, de certa maneira, influenciariam sua produção. Memórias e experiências impossíveis de serem apreendidas como totalidade, lembranças do passado que lhe dão um sentido aberto, mesmo quando evocadas na vivência do presente. Essa memória da experiência e da impossibilidade de inteira apreensão do passado do autor rememora e, ao mesmo tempo, estaria pautada nos acontecimentos ocorridos no início do século XX até a década de 60 na cidade Manaus relativos à imigração libanesa e à modernização da cidade.

No caso da experiência vivida pelo autor, essas lembranças recaem sobre a vida provinciana e as relações familiares. Na obra, intercambiando o Amazonas e o Oriente, ambos vivenciados como tempos e espaços diversos, mas também aproximados e outras vezes até confundidos e transformados em algo que já não é *um* nem *outro*, o autor apresenta a possibilidade de uma perspectiva esclarecedora.

O tempo que separa o momento da escrita da época narrada já possibilita um espaço de invenção. A distância temporal que separa um evento do passado do momento presente da escrita forma uma nevoa na narrativa. Habitado ao clima do Amazonas, eu diria que essa distância temporal é algo que aumenta a intensidade do mormaço, essa espécie de vapor super-aquecido que amorna a atmosfera de Manaus. Então, amolecidos pelo torpor da quentura equatorial, estamos a um passo do sonho, do devaneio em plena vigília [...] (HATOUM, 1996, p.7)

A distância entre o momento da escrita e o da época narrada, ou a distância de algo que outrora fora familiar, traz, para o autor, a ultrapassagem das fronteiras familiares e dos limites que poderiam fazer do romance uma ficção que abordasse somente as particularidades regionais do Amazonas. Contudo, a distância que possibilita o espaço da invenção mostra também sua ambivalência por meio da reconstrução na memória de algo que também já fizera parte da experiência do passado e que se apresenta no presente como um conjunto de ruínas.



A preocupação com o tempo e sua passagem é também um tema importante no romance, porque a relação entre memória e tempo não pode ser determinada em termos de datas ou épocas específicas. A passagem do tempo pode ser marcada de modo nebuloso, marcada por acontecimentos por vezes obscuros e recordações divergentes, em oposição aos fatos reais. Os personagens de Hatoum mantêm uma relação intuitiva com o tempo, uma vez que são as estações e as luz do dia que dão início ao processo de recordação. Dessa forma, a memória acaba tendo diferentes propósitos no romance, centrado também na sua preservação e em sua resistência ao esquecimento.

Considerações Finais

A literatura constitui um lugar onde diferentes valores, mitos, histórias e traduções estão sendo negociados. É por meio da literatura enquanto *espaço da memória* que escritores recriam as lembranças necessárias para se enraizar como sujeitos, sobretudo quando isto lhe foi negado pelo tempo vivido. A (re)apropriação da memória possibilita a colocação do sujeito na sua própria história. Segundo Walter (2011), a renomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir sua identidade, tomar posse de sua cultura.

Dois Irmãos (2000), o romance de Milton Hatoum, explora um tema bastante comum: a família e seus dramas, onde procura mostrar as dificuldades presentes na convivência diária de familiares e amigos entre si, com seus diferentes segredos e comportamentos. Durante a construção da narrativa, as histórias falam das possibilidades e das dificuldades do trabalho com a memória, das tensões e da convivência de culturas, religiões, línguas, lugares, sentimentos e sentidos diferentes dos personagens em relação ao mundo.

Para além dessas questões que envolvem as invenções e reinvenções de experiências partilhadas coletivamente num passado familiar distante, Hatoum não perde de vista o estatuto autônomo que sua obra adquire, justamente por transcendê-las. Por isso, o próprio escritor afirma que sua obra não pertence mais ao limite do mundo manauara e à sua família, nem a ele mesmo. A obra transcende todos esses mundos para alcançar sentidos polissêmicos que variam de acordo com cada leitor.

Uma das principais questões do século XXI é a coexistência de culturas diferentes, onde a literatura pode revelar e problematizar seus paradoxos a partir de suas representações. Nesse processo, a memória, individual e coletiva, deve ser considerada



uma *prática social*, na tentativa de balizar conflitos e preencher vazios por meio da ficção, como acontece em *Dois Irmãos*.

Outro ponto importante desta discussão é o de que a literatura contemporânea tem buscado novos artifícios para “contar suas histórias”. No que se refere a estes aspectos, a atitude dos autores da literatura contemporânea tem sido, além do engajamento político e social, a problematização de seu tempo e do mundo em que vivem, observando a abertura para a liberdade individual do sujeito e para concepções fragmentárias, heterogêneas e plurais da memória e da realidade. Neste contexto, a disputa entre a memória individual e coletiva se acirra, e encontra nas representações literárias um palco fecundo para essa disputa:

[...] a literatura percorre regiões da experiência que outros discursos negligenciam, arruína a consciência limpa e a má-fé, resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado [...] visando menos a enunciar verdades que a introduzir em nossas certezas a dúvida, a ambiguidade e a interrogação (COMPAGNON, 2009, p.50, 52).

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009

COMPAGNON, Antonie. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. Manaus: Editora da UFAM/UNINORTE, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. *Literatura e Memória. Notas sobre Relato de um Certo Oriente*. São Paulo: PUC, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia, in: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivaniha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992. p. 200-212



POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, v. 2, n.3, 1989. p. 3-15

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço. 2009.